

ARBITRARIEDADE SAUSSUREANA EM FOCO

Saussurean arbitrariness in focus

Aniela Improta França*

Miriam Lemle**

1 INTRODUÇÃO

Qualquer teoria lingüística precisa elaborar uma explicação para a polissemia de palavras ou de construções sintáticas com mais de duas palavras. Por exemplo, *corredor* - (1) aquele que faz deslocamento rápido; (2) passagem estreita e longa para ligar dois ou mais compartimentos; *chutar o balde* (1) dar um pontapé no balde; (2) abandonar um alvo.

Modelos lexicalistas propõem uma arquitetura da gramática com duas computações separadas: uma que monta traços que formam palavras constituindo o léxico do indivíduo, e outra que combina palavras umas com outras na computação sintática. Nestes modelos, a montagem de palavras precede as operações da sintaxe. Por exemplo, no modelo lexicalista do Programa Minimalista (Chomsky, 1995) palavras já completamente constituídas são extraídas do léxico para um espaço de trabalho transitório chamado Numeração, constituído do conjunto de palavras a serem concatenadas (*merge*) na fase em curso. A operação *Selecionar* escolhe uma palavra da Numeração e a introduz na computação para ser concatenada a uma outra palavra ou sintagma, possivelmente sujeitos, depois, a deslocamento. Portanto, nos modelos lexicalistas, a sintaxe lida com palavras pré-formadas, aplicando a elas as operações de concatenar e mover.

Outra solução arquitetônica possível é assumir que as unidades básicas que entram na computação sintática não são palavras, mas sim

* Departamento de Lingüística, UFRJ.

** Departamento de Lingüística, UFRJ.

apenas os seus traços abstratos, destituídos de conteúdo fonológico. Neste caso, o modelo é não lexicalista. Por exemplo, na Teoria da Morfologia Distribuída (Marantz; Halle, 1993; Marantz, 1997), unidades morfológicas, com forma fônica, menores do que a palavra, só são inseridas no fim da computação sintática, a qual se aplica a traços. Por isso diz-se que este modelo é também separacionista, o que quer dizer que a computação sintática é bem separada da implementação fonológica. Conforme mostra a Figura 1, nesta teoria, as palavras com seus traços sintáticos, traços morfofonológicos e propriedades semânticas não são pré-montadas, mas sim formadas dinamicamente a partir da distribuição de tarefas entre três diferentes listas que participam em três diferentes estágios na derivação da estrutura sintática e sua interpretação:

Morfologia Distribuída

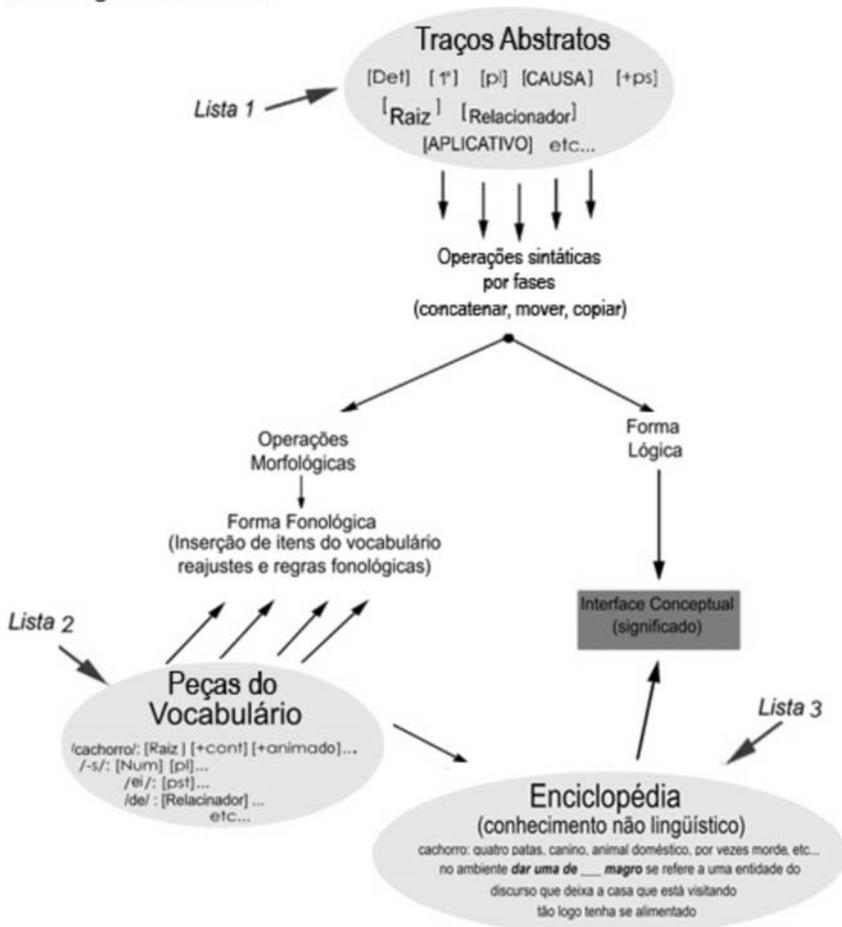


Figura 1- Esquema da Morfologia Distribuída

A partir da Lista 1, a operação Selecionar introduz na Sintaxe propriamente dita traços abstratos sem substância fônica. O estado atual desta teoria ainda não permite uma enumeração completa destes traços da Lista 1. Por enquanto, o que costuma ser atribuído a esta lista são traços tais como verbalizador, determinante, relacionador, pessoa, número, tempo, complementizador, agentivizador, aplicativo, e também posições vagas (*place-holders*) reservadas para a inserção de raízes. Em cada fase, depois de os traços abstratos terem sido juntados e movidos, chega-se ao Spell-Out. Neste ponto, a computação é remetida por um lado à forma lógica, que lê somente traços, e por outro lado para o componente morfofonológico. É deste lado que está a Lista 2, constituída de Peças de Vocabulário. Estas peças são inseridas no output da sintaxe, contanto que sejam compatíveis com a estrutura de traços gerada ali. Assim, é do lado da morfofonologia, no componente morfologia, que acontece a inserção de Peças do Vocabulário, formando uma representação fonológica subjacente, que é o *input* da fonologia, com todas as suas regras.

As peças de vocabulário são de dois tipos: funcionais ou raízes. Os nós terminais com traços funcionais que chegam da sintaxe (cf. Figura 2) vão ser preenchidos por peças com forma fonológica e traços de natureza idêntica à dos traços abstratos da Lista 1. Os nós terminais reservados para as raízes vão ser preenchidos por peças lexicais, raízes, possuidoras de substância fonológica.

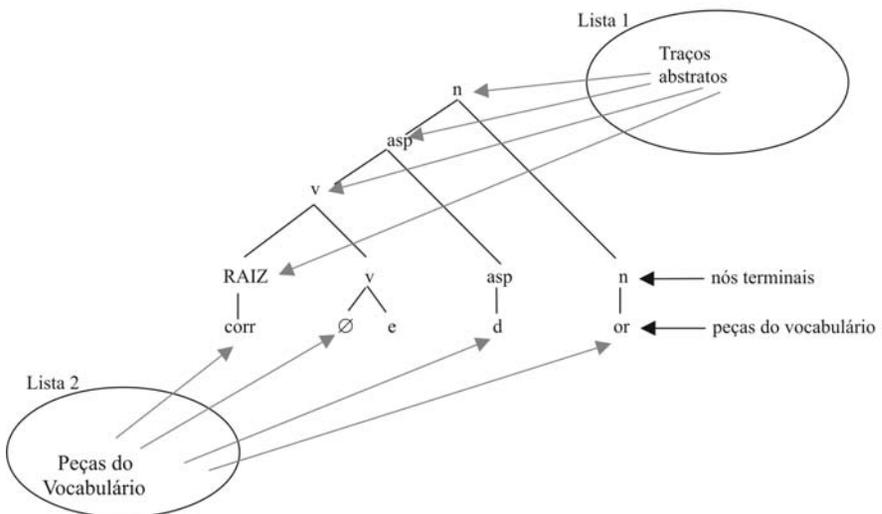


Figura 2 - Atuação do componente morfofonológico conectando a Lista 1 à Lista 2

A inserção lexical tardia obedece ao princípio do subconjunto: uma peça só pode ser inserida em um nó se sua especificação for igual ou um subconjunto das especificações dos traços provenientes da computação sintática. Por esta razão, há Peças de Vocabulário sub-especificadas em relação aos traços fornecidos pela sintaxe. Por exemplo, considerem a conjugação do verbo *ter*. Notem que de maneira geral há formas distintas para plural e singular de terceira pessoa (*tinha, tinham; teve, tiveram; tenha, tenham, tivesse, tivessem; teria, teriam*, etc), porém no tempo presente do indicativo a forma serve tanto para singular como para plural. No entanto, na computação sintática, a especificação dos traços acontece: {ter, presente, 3p. sg} e {ter, presente, 3p., pl}. Diremos, então, que a peça de vocabulário possui o feixe de traços {ter, pres, 3p} e portanto, sendo sub-especificada para número, pode ser inserida nos dois casos, singular ou plural.

Em cada fase, feita a inserção de vocabulário, o bloco é enviado por um lado para o componente fonológico onde sofrerá reajustes que culminam na representação fonética, e, por outro, para a Enciclopédia, Lista 3, que é o componente interpretativo que fornece a parte idiossincrática da leitura semântica, ou seja, este é o local onde se dá a negociação da *arbitrariade saussureana* (arbitrariade na relação entre forma e significado no sentido de Saussure), quando, logo na primeira fase, uma raiz é concatenada a um morfema categorizador. Se houver outras camadas sintáticas, elas serão concatenadas fase a fase e na Forma Lógica receberão as leituras composicionais dos traços abstratos, leituras estas que serão integradas com a leitura idiossincrática dada na Enciclopédia.

Neste trabalho vamos usar a teoria acima explicitada para entender em que ponto da derivação de uma palavra acontece a negociação da parte arbitrária do significado e como este significado se mantém durante a história derivacional de compostos com várias camadas. Consideraremos exemplos no domínio interno às palavras fonológicas e no domínio externo a elas, uma vez que, nesta teoria, ambos os domínios são sintaticamente derivados.

Na seção 2, analisaremos os pontos de negociação internos à palavra nos casos de palavras formadas pelas mesmas raízes, mas com camadas funcionais diferentes. Na terceira seção, oferecemos exemplos de sintaxe interna a palavras formadas por raízes diferentes, mas que têm os mesmos sufixos em suas camadas mais externas, estudando alguns casos de sufixos nominalizadores e adjetivadores ressaltando a sua contribuição para a semântica da palavra relativamente ao ponto de concatenação, e efeitos da mudança diacrônica. Na seção 4 analisaremos idiomatizações em expressões com mais de uma palavra. Em 5.0 apresentamos nossas conclusões sobre o curso das derivações estudadas.

2 PONTO DE ARBITRARIEDADE SAUSSUREANA NA DERIVAÇÃO DE UMA PALAVRA

A Figura 3 mostra a derivação da palavra *corredor* ⁽¹⁾ - *aquele que se desloca com rapidez*, em três fases sucessivas, logo após a inserção lexical de cada fase, na passagem entre as Listas 2 e 3.

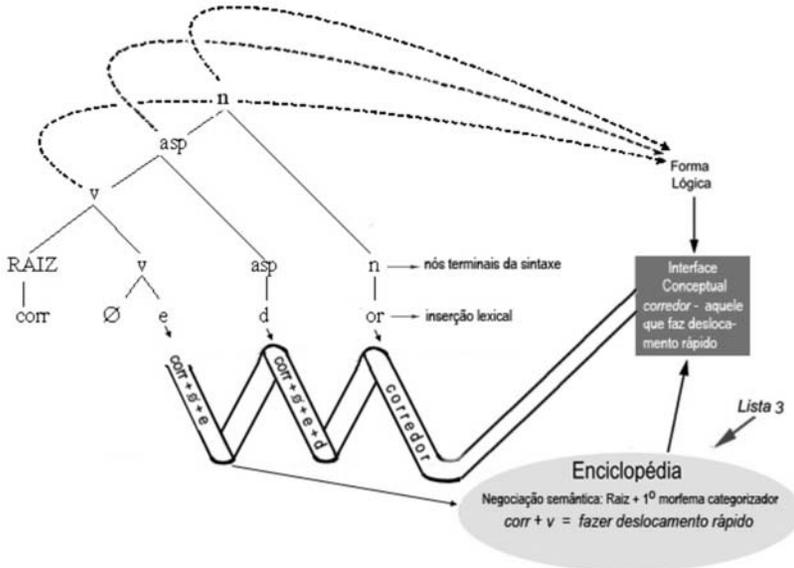


Figura 3 - Contribuições da Forma Lógica e da Enciclopédia

Vemos na Figura 3 que na primeira fase, depois do merge da *Raiz* com *v*, forma-se o verbo {{corr}er} inserindo a raiz e a peça vocabular verbalizador agentivo. Nesta fase, com o envio deste composto para a Enciclopédia, acontece a negociação semântica do sentido de *fazer deslocamento rápido*, um verbo de ação. Além disso, a fonologia recebe a informação da vogal temática e os traços fonológicos de {{corr}er}.

Mais um ciclo derivacional e temos a concatenação de um traço aspectual *perfectum*, denominado participio passado, que é implementado pela peça vocabular *d*. Mas note que este ciclo, que tem semântica composicional aproveitando o que já foi negociado na fase do vizinho, não tem saída para a fonologia da palavra, porque não se agregaram ao *perfectum* traços de pessoa e número (AGR), traços estes demarcadores de fronteira da palavra fonológica.

Finalmente, na última fase, entra o traço *nominalizador agentivo*, que é implementado pelo morfema *-or*, e a ele são agregados traços de AGR (gênero e número). A palavra tem saída para a fonologia e, pela conexão entre Enciclopédia e Forma Lógica, recebe a interpretação de "aquele que se

desloca rapidamente”. Derivações similares são as das palavras *morador*, *empreendedor*, *salvador*, *vendedor*, *indicador* e outras. Em todas estas, a concatenação de verbalizador agentivo precede a de nominalizador. Por sinal, a palavra *verbalizador* também tem esta mesma história derivacional, mas antes da fase da verbalização, implementada pelo verbalizador *-izar* há outras camadas, a saber, a nominalização da raiz VERB, implementada pelo nominalizador \emptyset , formando o nome *verbo* - a sede da negociação semântica arbitrária - e a adjetivação, implementada pelo adjetivador *-al*, formando *verbal*. Depois então, *verbalizar* e *verbalizador*.

Para o significado *corredor* (2), *passagem estreita e longa para ligar dois ou mais compartimentos*, esta teoria possibilita uma outra história derivacional. Logo na primeira fase, sem receber vezinho, a raiz é concatenada ao traço aspectual *perfectum* enfeixado com o traço categorizador *n* (enezinho) de nome agentivo, que recebe AGR. Neste contexto sintático, as peças vocabulares [corr [ed + or]] são inseridas e o significado do todo é negociado na Enciclopédia como instrumento (lugar que serve para transitar de aposento a aposento). Derivações similares, em que a nominalização não passa pelo verbalizador agentivo, são as das palavras *mordedor* (objeto que serve para dar mordida), *andador* (armação de metal com rodas que serve ao uso de andar), *interruptor* (mecanismo destinado à interrupção de corrente elétrica).

3 IDIOMATIZAÇÃO INTRALEXICAL

3.1 PALAVRAS EM *-URA*

Predomina no português, vinda do Latim, uma relação de c-comando entre o sufixo *-ura* e o particípio passado. Isto é o que vemos, por exemplo, em *ligadura*, cuja estrutura é (((lig) a) d) ura), composta pelas peças vocabulares *LIG*, raiz; *-a*, vogal temática do verbalizador; *-d*, particípio passado; e *-ura*, sufixo nominalizador. No português moderno, existem cinco peças de vocabulário que podem ser inseridas no nó terminal de particípio passado:

- a. [d] - está perdido, está cansado, está preocupado, é vindo
- b. [t] - está aberto, está coberto, está morto, está feito, está solto, está posto, está frito

- c. [z] - está aceso, está incluso, está preso
- d. [s] - está impresso, está possesso, está apenso
- e. [∅] - está ganho, está pago, está gasto e as variantes recentes está chego, está trago, tinha salto

Como vemos na Figura 4, em palavras do tipo *floricultura*, o particípio passado de um vP está contido dentro de uma nominalização formada por *-ura*. É no ponto de concatenação do v, formando o vP, que se instaura a interpretação semântica arbitrária, quando a Raiz se concatena com o primeiro traço categorizador vezinho. O particípio passado e a nominalização feita pelo sufixo *-ura* recebem interpretação composicional proveniente da Forma Lógica, bem como a nominalização (*flor+i*), que se adjuge a este composto e recebe a interpretação de “coisa cultivada”.

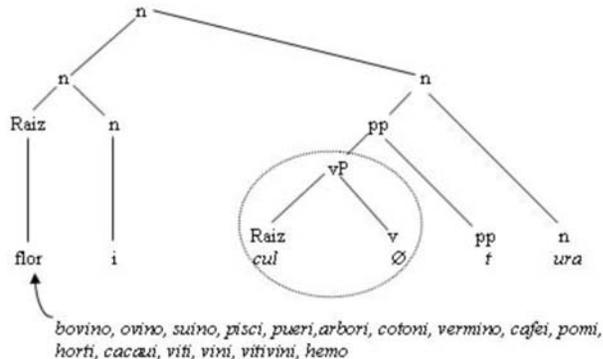


Figura 4 - Diagrama em árvore de *floricultura*

Outros exemplos com esta mesma estrutura sintática no interior da palavra são: *laringofissura, rinofissura, palatofissura, labiofissura*, que usam a peça de vocabulário [s] para particípio passado; *xilogravura, heliogravura, cromogravura, eletrogravura, linoleogravura*, que selecionam [∅] como particípio passado, e *arranhadura, picadura, semeadura, mordedura, varredura, embocadura, abotoadura*, em que o particípio passado se implementa como [d].

Casos interessantes são também aqueles em que os particípios em [t] se concatenam com um alomorfe da raiz: *abertura, cobertura, escritura, postura, feitura, desenvoltura, escultura, leitura, ruptura*.

Ainda um outro conjunto de palavras em *-ura* provém etimologicamente de formas participiais latinas, porém os verbos em suas formas finitas caíram em desuso. Este é o caso de *tintura* que vem do verbo *tingo*

em latim, cuja Raiz de partípio passado era *tinctum*. A concatenação com *-ura* – *tinctura* – era uma nominalização que chegou ao português. Porém, como a Raiz de *tingo* caiu em desuso, o segmento /tint/ foi reinterpretado como Raiz pura, sem vezinho, e conseqüentemente, o sufixo *-ura* ficou com sua distribuição alterada, uma vez que passou a ocorrer também concatenado direto à Raiz. Alguns exemplos desta reanálise são mostrados a seguir, sendo que a primeira das formas dadas é a do partípio passado, que sobreviveu, e a segunda é a do presente do indicativo, que caiu em desuso junto com todas as formas do conjunto denominado *infectum*: *tintura* (partípio passado *tinctum* que sobreviveu, e *infectum tingo*, que desapareceu), *pintura* (*pictum*, *pingo*), *sutura* (*sutum*, *suo*), *rasura* (*rasum*, *rado*), *puntura* (*punctum*, *pungo*), *clausura* (*clausum*, *claudio*), *ventura* (*ventum*, *venio*), *estrutura* (*structum*, *struo*), *fissura* (*fissum*, *findo*), *cintura* (*cinctum*, *cingo*)

Esta mudança gramatical fornece ao sufixo *-ura* um novo contexto, ampliando o seu uso para derivações que não passam por partípios, como *diabrura*, *altura*, *largura*, *brancura*, *doçura*, *ternura*, *lisura*, *grossura*, *frescura*, *feiúra*, *quentura*, *chatura*, *verdura*, *gostosura*, *formosura*.

O esvaimento da relação com o verbo fica fortemente comprovado quando vemos novos verbos formados a partir de uma raiz em que o segmento *-ura* está irremediavelmente digerido, como nos verbos terminados fonologicamente em /urar/: *costurar* (*consuo*), *suturar* (*suo*), *aventurar* (*venio*), *caricaturar* (*carico*); *censurar* (*censeo*), *conjecturar* (*jacio*), *estruturar* (*struo*), *fissurar* (*fingo*), *misturar* (*miscere*), *rasurar* (*radeo*), *tinturar* (*tingo*). É como se esquecêssemos que o verbo *acabar* existe e formássemos, a partir do partípio passado *acabado*, um novo verbo, *acabadar* e um novo partípio passado *acabadado*.

3.2 PALAVRAS EM -IVO

Na estrutura sintática predominante nas palavras em *-ivo* temos sucessivamente a concatenação de uma Raiz e um vezinho, seguida da concatenação do traço partípio passado interpretado como estativo e da concatenação do adjetivador *-ivo* que introduz a noção de causa, criando um espaço para agente no seu Spec. A interpretação de *educativo* é: causador do estado (pp- *educado*) denotado pelo verbo (v - *educar*).

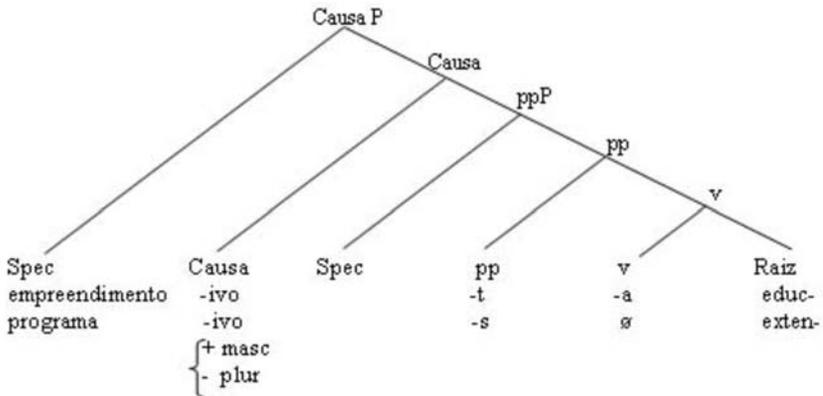


Figura 5 - Diagrama em árvore de *empreendimento educativo e programa extenso*

Outros exemplos desta mesma estrutura ilustrada na Figura 5 são: *comunicativo, pensativo, comemorativo, decorativo, demarcativo, rotativo, deliberativo, pejorativo, aplicativo, enjoativo, exclamativo, aumentativo, agressivo, assertivo, auditivo, cognitivo, construtivo, conectivo, dedutivo, descritivo, opressivo, decisivo, eletivo, invasivo, digestivo, erosivo, expansivo, egressivo, distintivo, expressivo, oclusivo, regressivo*.

Como sempre, a negociação semântica em que a arbitrariedade do signo se implementa acontece na concatenação do primeiro morfema categorizador, neste caso vezinho, com a raiz. Daí em diante, o significado do adjetivo (ou nome) como um todo é derivado composicionalmente do verbo, de maneira inteiramente regular.

Um subconjunto destes verbos autoriza a derivação de duas versões de adjetivos. A primeira foi mostrada na Figura 5 e é a versão ativa com um DP inserido na posição de Spec do nó Causa, interpretado como agente. A outra versão, mostrada na Figura 6, deriva um adjetivo estativo, sem a introdução de agente: *extenso, egresso, distinto, expresso, ocluso, regresso (?)*.

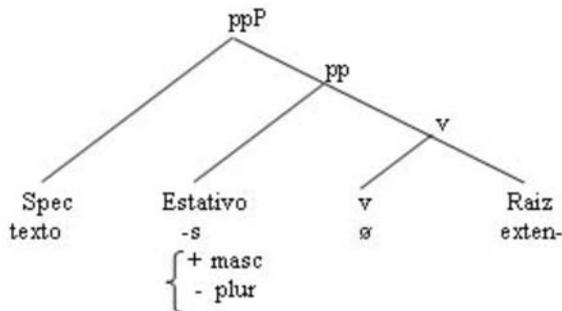


Figura 6 - Diagrama em árvore de *texto extenso*

Há casos em que a relação com os verbos fica cortada. Por exemplo, em *laxativo*, a raiz *lax* presente nos verbos *laxar* e *relaxar* se torna irreconhecível uma vez que o adjetivo passou a designar especificamente *medicamento purgante*. Temos também casos como *fugitivo* em que a percepção do relacionamento com o verbo varia de indivíduo a indivíduo. É que, para muitas pessoas, em *fugitivo*, junto com a introdução de *-ivo* entram novas especificações semânticas: o traço [+ humano] e a propriedade *marginal*. Podemos então admitir que algumas pessoas estejam analisando a palavra *fugitivo* com a estrutura sintática [[fugitiv] + [o]].

Há também a obsolescência de verbos nos contextos outros que não o do sufixo. Isto acaba deixando um conjunto de palavras sobreviventes em que a raiz só aparece no contexto *-ivo*: *ablativo*, *adjetivo*, *fricativo*, *missivo*, *relativo*, *nocivo*, *positivo*, *ativo*, *paliativo*. Nestes casos os falantes das novas gerações – nós – analisamos estas palavras de modo que tudo, até chegar ao *v* é raiz. Prova disto é o verbo *ativar* que é derivado a partir da raiz *ativ-*.

Esta nova contextualização do sufixo *-ivo* autoriza novas formações que não existiriam na gramática antiga: *esportivo*, *cultivo*, *massivo*, *discursivo*. E, assim como temos verbos em *-urar* com o sufixo incorporado à Raiz, temos outros terminados em *-ivizar* e *-ivar.*, em que o segmento fonológico *-ivo* é, para nós hoje, um mero segmento fonológico da raiz: *coletivizar*, *coletividade*, *positivar*, *rotativizar*, *transitivizar*, *relativizar*.

3.3 PALAVRAS EM *-OR*

O sufixo *-or* (instrumental ou agentivo), seleciona particípio passado, o qual, por sua vez, seleciona verbalizador. A Figura 7 ilustra as realizações morfológicamente mais transparentes dessa estrutura, onde o vizinho se implementa como *-iz*, *-fic* ou \emptyset , o *-a* é a vogal temática do verbalizador e o particípio passado se implementa como *-d*. Alguns exemplos são: *clarificador*, *canonizador*, *dignificador*, *cristianizador*, *acelerador*, *borrifador*.

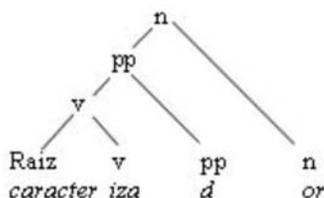


Figura 7 - Diagrama em árvore de *caracterizador*

Outros casos são menos transparentes morfológicamente, quando a marca de particípio passado é um *-t* ou um *-s*, e a Raiz tem dois alomorfes: *agredir - agressor*; *transgredir - transgressor*; *anteceder - antecessor*; *converter - conversor*; *receber - receptor*; *imprimir - impressora*; *redimir - redentor*; *estender - extensor*; *ofender - ofensor*; *transmitir - transmissor*; e *emitir - emissor*. Porém, a estrutura sintática é igual à ilustrada pela Figura 7.

Como *-or* frequentemente dá lugar à interpretação de instrumento ou agente, é comum a formação de um nome que vem a ter tamanha especificidade que nos faz perder a noção do seu relacionamento com o verbo. Nestes casos em que entram novas especificações semânticas é possível que algumas pessoas estejam reanalisando a Raiz + pp como uma nova Raiz diferente da que dá origem ao verbo, ou seja, o nome se forma sem camada verbal e a idiomatidade é na camada nominal: *cobrir* -ação geral de envolver algo através de anteparo colocado por cima- *cobrir* a panela, o rosto, o livro, o corpo; *cobertor* - pedaço de tecido grosso usado especificamente para se cobrir o corpo na cama. Outros exemplos de instrumento em que o significado do verbo indica um evento muito mais genérico do que o do nome em *-or* são: *compressor*, *inversor*, *interruptor*, *interceptor*, *reitor*, *agrimensor*, *reator*, *rotor*, *batedor*, *professor*, *sucessor*, *subversor*, *retrovisor* e *coletor*. Propomos na nossa análise que nestes casos os verbos etimologicamente relacionados, *comprimir*, *inverter*, *interromper* e etc não participam da derivação sintática dos nomes em *-or*.

Evidência forte para este processo de perda de conexão entre o nome em *-or* e o verbo é que existem muitos verbos cuja marca de infinitivo e formas flexionadas estão adjungidas ao que em latim era uma peça participial. Por exemplo, o infinitivo do verbo *coletar* foi criado a partir do segmento /colet/, particípio de *collere*. O nome *coletor* vem diacronicamente deste particípio, mas sincronicamente contém a raiz do verbo *coletar*. Estas duas palavras necessariamente foram formadas por uma geração que já não mais tomava o /-t/ como uma peça de particípio e sim como um fonema componente da raiz. O mesmo ocorre com *visar* (originado do particípio de *videre*), *versar* (do particípio de *vertere*), *findar* (*finire*), *expressar* (*exprimere*), *regressar* (*regradior*), *pintar* (*pingere*), *rasar* (*radere*), *aventar* (*advenire*) ou seja a reanálise da palavra resultou em uma inversão da ordem linear das peças em relação à derivação original: [[raiz+v] particípio] nominalizador]. Porém, com a mudança gramatical, nos deparamos com um ex-particípio passado precedendo o vizinho. Ou seja, houve um processo de desgramaticalização do particípio passado, e conseqüentemente, a formação de uma nova raiz. Esta raiz nova tem todas as prerrogativas de qualquer raiz.

Por isso podemos ter palavras como *conversador*, etimologicamente derivada do particípio em -s, *conversus*, de *convertere*. O que aconteceu foi que a natureza de particípio de *convertere* da palavra *conversus* foi esquecida, e *convers-* virou uma nova raiz, dotada de todas as prerrogativas de qualquer raiz, inclusive a de formar um verbo - *conversar*, o seu particípio, *conversado*, e o adjetivo agentivo em -or, *conversador*. O nome *coletor* tem hoje o sufixo -or juntado diretamente à raiz *colet-*. Esta raiz, juntada ao vizinho, resulta no verbo *coletar*. No entanto, o / t / que temos hoje dentro desta raiz foi outrora uma peça participial, que se juntava ao verbo *colligo*, dando *collectum*. Por sua vez, o sufixo -or se juntava a *collect* dando *collector*. Desse modo, algumas palavras fonologicamente idênticas em latim e em português podem ser bem diferentes na sua estrutura interna, e, conseqüentemente, na semântica. Casos como estes pesam a favor de uma teoria em que, em vez de assumirmos que palavras funcionam como átomos indivisíveis para a sintaxe, temos um mecanismo que distribui a computação em: (i) gerar, por fases, na sintaxe, compostos de traços; (ii) inserir na morfologia peças de vocabulário e (iii) interpretar na Enciclopédia o significado.

4 IDIOMATIZAÇÃO EM EXPRESSÕES COM MAIS DE UMA PALAVRA

Nesta seção do trabalho discutiremos o ponto em que incide a leitura idiossincrática que a Enciclopédia faz de construções sintáticas. Um fato fácil de ver no nosso dia-a-dia de falantes é que expressões idiomáticas novas são incessantemente criadas e rapidamente aceitas por adultos, jovens e crianças. É, portanto, desejável que a teoria da gramática dê conta de toda essa criatividade de resignificação, colocando-a dentro do que fluiria normalmente da própria arquitetura da gramática como um dado previsível. A nossa pergunta, aqui, é: em que domínio sintático se aplica a leitura enciclopédica de uma expressão composta com mais de uma palavra fonológica? A resposta a esta pergunta será vista nos diagramas da estrutura sintática de expressões idiomáticas, apresentados a seguir (de 4.1 a 4.7).

4.1 VERBO + DP

chutar o balde, comer mosca, engolir sapo, quebrar um galho, lavar a égua, bater as botas, picar a mula, perder as estribeiras, enfeitar o pavão, comer o pão que o diabo amassou, forçar a barra, cortar um dobrado, rodar a baiana, entregar os pontos, quebrar a cara, pintar o sete, dar uma mão, dar pé, encher o saco, ver estrelas, catar coquinho, plantar batata, lamber

sabão, plantar bananeira, tomar chá de cadeira, esticar as canelas, fechar o tempo

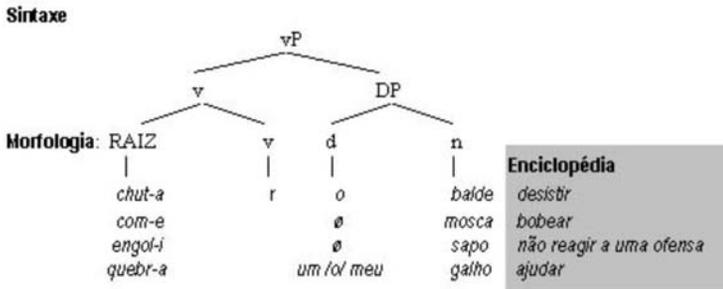


Figura 8

Temos aqui uma estrutura constituída por um *v* (vezinho) e seu complemento em que o verbo é o núcleo. Estamos assumindo que o processamento é feito através da derivação gramatical, fase a fase, e por isto não podemos prescindir do significado composicional das expressões, pois a derivação culmina fatalmente nele. Portanto, chegar ao significado literal não é uma tarefa opcional, mas sim uma ação que precede necessariamente a de chegar ao significado idiomático. Partindo então do significado literal, a idiomatização se estabelece como uma relação metáforica entre as duas leituras. Por exemplo, na expressão *bater as botas* teríamos primeiro a leitura literal, e em seguida, por coerção contextual viria a leitura *morrer*, que vem atrelada à literal através de um mecanismo de *folk semantics* (EGAN, 2005). Porém, esta independência semântica não atinge a sintaxe: vemos que os traços aspectuais do verbo na leitura composicional são preservados na leitura idiomática (MCGINNIS, 2002). Por exemplo, apesar de *bater as botas* significar *morrer*, podemos usar *morrer* no contexto aspectual durativo *ele vem morrendo devagar*, mas não podemos usar *bater as botas*, no contexto *ele vem batendo as botas devagar*, com o significado de *ele está morrendo*. Esta restrição se deve ao fato de que o aspecto pontual intrínseco do verbo *bater* não permite progressão ao longo do tempo. Se tentarmos aplicar este aspecto durativo em *bater* teremos a reiteração da ação, o que não condiz com o significado *morrer*, já que é impossível morrer várias vezes.

Uma outra restrição fundamental na interpretação de expressões idiomáticas é que o âmbito da idiomatização tem como limite o evento interno. Isto equivale a dizer que em *chutar o balde* a idiomatização não pode ser estendida ao agente da ação. A semântica do agente sempre se combina composicionalmente com o *vP* idiomático (MARANTZ, 1997). Esta restrição pode ser bem compreendida no âmbito da Morfologia Distribuída:

quando o agente é introduzido em Spec de vizinho, o evento interno já foi interpretado, regular ou idiomaticamente conforme o contexto. No Spec do vizinho aparece o agente em uma configuração que dá a interpretação de evento causador externo cuja semântica não afeta a idiomatização já estabelecida.

4.2 NOME + ADJETIVO

pão duro, pé frio, dedo duro, pinta braba, olho gordo, bom partido, mão boba, pé sujo, boca suja

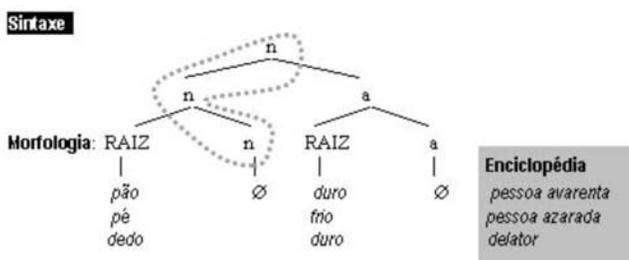


Figura 9

A estrutura sintática de qualquer construção em que o adjetivo é modificador de um nome é de adjunção: o categorizador nominal se projeta por ser o núcleo da construção, e o núcleo adjetival se concatena como irmão do **n** núcleo. Para a sintaxe, a raiz é indiferente e somente os traços funcionais são levados em conta. Por isso, em qualquer caso, idiomatizado ou não, esta é a estrutura sintática que vai para a Forma Lógica e para a Enciclopédia. Estas expressões terão duas leituras possíveis: uma, em que o nome e o adjetivo preservam cada um a sua leitura enciclopédica *default*, e o significado do sintagma todo é calculado da maneira *default*, em **n**, pela associação composicional dos significados *default* das palavras componentes; e outra, a idiomática, em que a leitura composicional é substituída pela idiomática e o sintagma é lido como um todo no nó **n** projetado.

4.3 NOME + SINTAGMA PREPOSICIONAL

cara de pau, testa de ferro, ovo de colombo, saco de pancada, peixe fora d'água, pé de chinelo, pé de moleque, papo de anjo, cabelinho de anjo, copo de leite, bico de papagaio

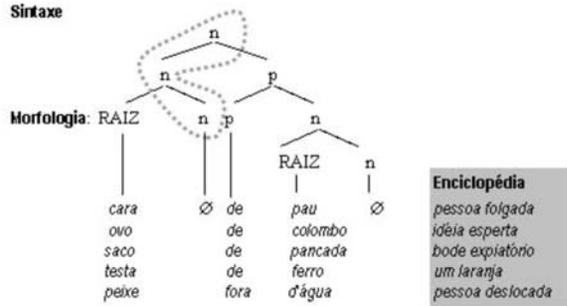


Figura 10

Como no caso de [nome + adjetivo], a construção sintática que é remetida à Enciclopédia neste caso é [n + sintagma preposicional]. Depois da formação da *leitura* composicional *default*, aquela que se baseia na composicionalidade, o composto pode receber uma leitura idiomática em presença de um contexto propício que nocauteie as leituras *default* dos componentes.

4.4 SINTAGMA PREPOSICIONAL

pra cachorro, pra burro, pra caramba, às pampas, da pá virada, de lua, de montão, na moita, na moral, na real



Figura 11

O que há de curioso em algumas destas expressões é que fica difícil imaginar um contexto de uso em que uma interpretação composicional das peças possa ser empregada com propriedade sem ser idiomática. Neste caso, se colocássemos a questão de como se dá o processamento, seríamos tentados a dizer que a leitura *default* do composto é aquela que não leva em conta a leitura *default* do nome descontextualizado. Por exem-

plo, *trabalhar para cachorro* dificilmente poderia ser entendido como diferente de trabalhar *muito*, mas ainda assim, poderíamos achar algum contexto em que *para* funcione como benefactivo, como em *João trabalha para cachorro* entendendo-se que João trabalha em benefício de um canil.

Note que não incluímos na lista de expressões idiomáticas alguns PPs formados com nomes que só são usados em um único contexto, como *de araque*, *de chofre*, ou *de arromba*. Nestes casos, apesar da falta de acesso ao significado do DP, o significado da expressão é literal via estarmos atribuindo ao DP um significado que julgamos ser básico: atribuímos a *araque* o significado de *desordem*; a *chofre* o de *ímpeto*; e a *arromba* o de *transgressão*. E aí a contribuição semântica da preposição é composicional, assim como nas seguintes expressões literais: gol *de penalti*, soco *de direita*, andar *de bicicleta*, foi à festa *de gravata*, está *de cabelo curto*.

4.5 VERBO + PP

TIPO A

botar os pingos nos i, *dar a cara a tapa*, *dar a mão à palmatória*, *botar o dedo na ferida*

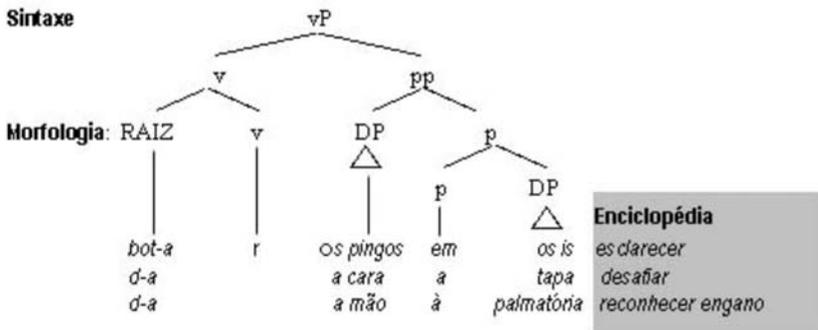


Figura 12

TIPO B

pisar em ovos, *entrar pelo cano*, *morrer na praia*, *bater com o martelo*, *dar no pé*, *dar em cacho*.

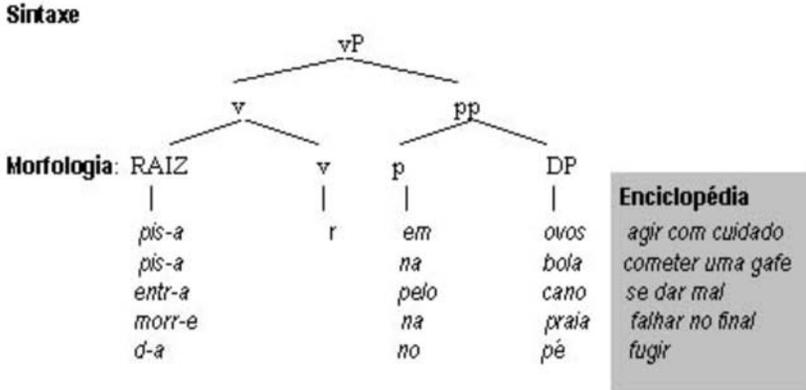


Figura 13

Como no caso de 3.4, também nestas duas estruturas se pode notar uma subversão de naturalidade em termos da leitura contextualizada dos dois membros do vP: a leitura idiomática parece mais básica do que a que toma o PP interpretado a partir das leituras composicionais de seus DPs. No entanto, a ilusão de que podemos prescindir da leitura composicional se dá simplesmente pelo fator freqüência.

4.6 VERBO + ADVP

dar mole, dar duro, cair fora, mandar bem, mandar mal, comer quieto, pegar leve, falar mal

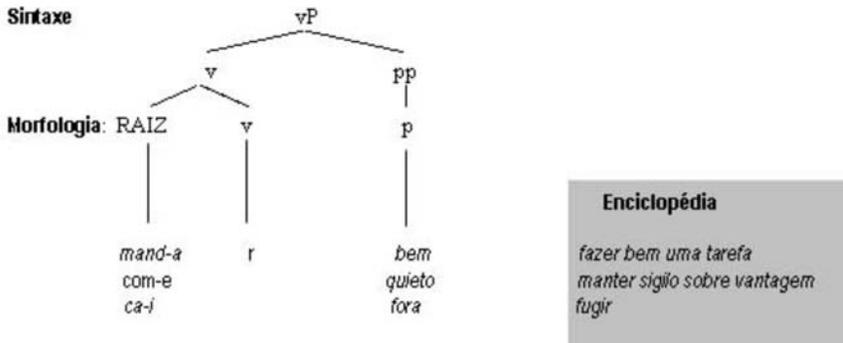


Figura 14

Estas expressões têm a mesma estrutura sintática de expressões de uso freqüente em que a interpretação é composicional, como *andar rápido, falar baixo, bater forte, cantar suave*.

5 CONCLUSÃO

É possível ver o que há de comum entre idiomatização no interior de palavras e idiomatizações em domínio sintático maior do que a palavra fonológica.

Em uma palavra fonológica a primeira peça do vocabulário categorizadora juntada à raiz é aquela que autoriza, na Enciclopédia, a negociação semântica idiossincrática determinando um significado básico. Daí em diante, os traços categorizadores adicionados fase a fase dão sua contribuição semântica de maneira composicional e regular.

A interpretação semântica depende de os morfemas funcionais poderem ser lidos pela Forma Lógica. Se a identificação destes morfemas fica perdida em decorrência da obsolescência de bases cognatas, a forma é reanalisada por novos falantes, que instauram uma nova raiz, que por sua vez permite a criação de novos derivados e novos significados.

Em uma estrutura maior do que uma palavra fonológica o núcleo sintático autoriza a leitura idiomática, com preservação de propriedades aspectuais. Durante a leitura composicional da expressão há operações de estabelecimento de leitura idiomática toda vez que uma raiz se junta a uma primeira peça de vocabulário categorizadora. Depois destes pontos há operações de concatenação e interpretação composicional que atuam da mesma forma dentro da palavra e em expressões de mais de uma palavra. O final destas leituras é a interpretação composicional da expressão. Portanto, a leitura composicional do composto é inevitável em uma derivação que se dá fase a fase.

Se o contexto indica que a leitura composicional não é apropriada acontece uma operação que acopla à leitura composicional uma leitura idiomática do todo. O processo de acoplamento depende de uma espécie de faz-de-conta (*pretense* ou *folk semantics*) convencionado no momento da aquisição da expressão idiomática em questão. Por exemplo, uma criança que ouviu pela primeira vez *quebrar o galho* e entendeu o significado pelo contexto, tem diante de si a tarefa de correlacionar a ação de quebrar o galho à expressão que significa ajudar alguém. Ela pode imaginar a situação de alguém que estava com as mãos ocupadas e tinha que passar pelo meio do mato e ao se deparar com galhos bloqueando o caminho pede a algum amigo que os quebre para ela. Esta seria uma situação de faz-de-conta, um truque mnemônico, que ajuda o registro na mente da parte da expressão delimitada por vezinho. Esta parte é preservada como um todo.

O processo que acontece com as expressões é similar ao processo de negociação semântica que se dá na Enciclopédia quando a primeira peça

categorizadora do vocabulário é juntada à raiz. A diferença é que com as expressões o processo é mais motivado e portanto a arbitrariedade saussureana não é assim tão arbitrária.

RESUMO

O Modelo da Morfologia Distribuída nos permite distinguir o significado decorrente da pura estrutura sintática do significado decorrente também de convenção arbitrária. Trata-se de duas leituras feitas sobre diferentes etapas de uma derivação sintática. A leitura idiossincrática recai sobre o segmento composto de Raiz + a primeira peça categorizadora. E a parte regular da leitura provém das concatenações posteriores à primeira marcação categorial. Com esta arquitetura da gramática podemos não somente distinguir o que há de idiossincrático do que há de regular na leitura das palavras e expressões idiomáticas, mas também podemos tecer plausíveis conjecturas sobre o curso da mudança lingüística. Neste artigo, estudamos a sintaxe e a semântica de variados tipos de verbos, adjetivos e nomes complexos e também expressões idiomáticas com suas diversas estruturas sintáticas.

Palavras-chave: *morfologia distribuída; arbitrariedade saussureana; significado composicional e arbitrário.*

ABSTRACT

Distributed Morphology allows us to discriminate between meaning derived from purely syntactic structure from that derived from arbitrary convention. These two readings are formed during different derivational phases. The idiosyncratic part of the meaning is assigned to the merge between the root and the first categorizing vocabulary item. The compositional reading stems from the merges that follow this first one. This architecture of grammar allows us not only to distinguish between idiosyncratic content and compositional content, but also conjecture about the course of language change. In this article, we study the syntax and semantics of several types of verbs, adjectives and nouns and also examine idioms with various syntactic structures.

Key-words: *distributed morphology; saussurean arbitrariness; compositional and arbitrary meanings.*

REFERÊNCIAS

- CHOMSKY, Noam. Derivation by phase. *Working Papers in Linguistics*, Cambridge, MIT, v. 18, 1999.
- EGAN, Andy. *Pretense for the complete idiom*. Disponível em: <<http://www.sitemaker.umich.edu/egana/files/idiom.2005.10.06.pdf>> Acesso em: 2005.
- FERNANDES, Millor. *The cow went to the swamp - A vaca foi pro brejo*. Resenha de: LEMLE, M. *Delta*, v. 6, n. 1, p. 117-124, 1990.
- HARLEY, Heidi; NOYER, Rolf. Licensing in the non-lexicalist lexicon: nominalizations, vocabulary items and the Encyclopedia. *MIT Working Papers in Linguistics*, v. 32, p. 119-137, 1998.
- HARRIS, James. Nasal depalatalization no, morphological well-formedness sí: the structure of Spanish word. *MIT Working Papers in Linguistics*, v. 33, p. 47-32, 1999.
- IPPOLITO, Michela M. On the past participle morphology in Italian. *MIT Working Papers in Linguistics*, v. 33, p. 111-137, 1999.
- MARANTZ, Alec. No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. In: DIMITRIADIS, A. et. al. (Eds.). *Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistic Colloquium, U Penn Working Papers in Linguistics*, 4.2, Philadelphia: Penn Linguistics Club, 1997. p. 201-225.
- _____. *Morphology as syntax: paradigms and the ineffable, the incomprehensible and the unconstructable*. Talk given at the University of Postdam, 1999.
- _____. *Words*. Cambridge: MIT, 2001.
- MARVIN, Tatjana. *Topics in the stress and syntax of words*. Cambridge, 2002. Thesis (PhD) – MIT, 2002.
- MC.GINNIS, Martha. On the systematic aspect of idioms. *Linguistic Inquiry*, v. 33, Issue 4, p. 665-672, 2002.